



**INSTITUTO POLITÉCNICO DE VISEU**  
**ESCOLA SUPERIOR DE TECNOLOGIA E GESTÃO DE VISEU**

**ACESSO AO ENSINO SUPERIOR PARA MAIORES DE 23 ANOS**  
(Dec.Lei nº 64/2006, de 21 de Março)

**PROVA DE CULTURA GERAL**

**PROVA MODELO**

**Duração: 90 minutos**

Para a realização da prova deverá utilizar as folhas de resolução fornecidas. **Não se esqueça de preencher o cabeçalho das folhas de resolução.** Leia com atenção.

Segundo o que determina a Resolução do Conselho de Ministros n.º 8/2011, tomada em 9 de dezembro de 2010, as respostas dadas devem estar em consonância com as normas estabelecidas para o **uso do Novo Acordo Ortográfico.**

**Grupo I**

Aquele 15 de outubro tinha tudo para ser um dia feliz. A família iria juntar-se para o batizado das minhas duas sobrinhas, Laura e Sofia, e, juntos, festejaríamos os 70 anos do meu pai. Seria uma festa dois em um. No dia anterior viajara do Porto, onde vivo, para Oliveira do Hospital, a terra onde nasci, cresci, onde tenho toda a família e as recordações de infância. À hora do batizado, às 16 horas, o céu cobria-se de negro, mas o fogo estava longe, diziam-nos, na zona de Seia, de um lado, na zona de Coja, Arganil, do outro. Em dias de festa de família, pouco se olha para o telemóvel e muito menos se liga a televisão. Desconhecíamos, pois, o cenário que se vivia nesse domingo no País. Os olhares eram todos para as duas irmãs, de dez meses e cinco anos, aperaltadas com lacinhos e vestidinhos brancos. Depois da cerimónia na igreja, a família juntar-se-ia para brindar à saúde das meninas e dos 70 anos do avô. Não fosse o fogo...

O meu pai recebe um telefonema a avisar que a quinta que possui a 15 quilómetros dali estava a arder. Sai disparado com os meus irmãos e, transtornado, tenta enfrentar as chamas com a intenção de abrir o estábulo e soltar os dois cavalos. É, obviamente, impedido. Derrotado, volta para Oliveira do Hospital. Nas horas seguintes, tudo se precipita. A eletricidade falha a partir das 19 horas. Não há rede de telemóvel, nem internet. Cai a noite e o cheiro a fogo adensa-se. Estamos no centro urbano e todo o concelho está rodeado de fogo. Vem de todos os lados. Sigo para o quartel, a dois passos da casa dos meus pais, e um dos bombeiros diz-me, exausto, olhos peçados de lágrimas, que, em 40 anos, “nunca vira nada assim”. A cinco quilómetros dali, a aldeia do meu sogro, Lajeosa, tem casas a arder. Não conseguimos chegar lá, nem saber nada dele porque os telefones não funcionam. A noite só se ilumina com as luzes dos carros dos bombeiros ou com a lanterna do telemóvel cuja bateria deixará de funcionar dentro de poucas horas. Escutam-se dezenas de explosões, a pouca distância dali. Sentimos medo, sentimo-nos impotentes.

O vento aumenta, como um demónio à solta, o ar é abafado (à meia-noite estavam 30 graus) e traz cinza e fagulhas. As chamas não chegam à casa dos meus pais, mas o seu trepidar escuta-se próximo. Aos gritos, avisam-nos para prepararmos as mangueiras, se o cenário piorar. Lá fora, só se consegue andar com máscara ou lenços a tapar olhos e boca. Há fagulhas vermelhas que saltam de um lado para o outro, sem sabermos onde irão cair.

Começam a chegar-nos a casa pessoas, assustadas, vindas de algumas das aldeias a arder. O João pede-nos que olhemos pela mãe, enquanto vai ajudar o pai a apagar as chamas que rondam a casa. A Tina chega com a família depois de percorrer uma estrada em chamas. A Isabel vem pedir guarida porque o marido não a veio buscar depois do trabalho, como habitualmente. A Liliana está aflita por não conseguir chegar à casa da mãe onde os filhos ficaram a passar a noite. O Zé vem tresloucado depois de ter enfrentado as chamas em casa e desespera por não saber da mãe e da irmã. Os telemóveis continuam sem funcionar, está escuro, só as velas nos iluminam. A noite é longa e sentimos uma impotência total. Ligamos o rádio do carro na tentativa de saber o que se passa. Sigo, de novo, para os bombeiros em busca de melhores notícias. Nada. O ar continua irrespirável. Tudo à volta está vermelho, da cor do fogo.

Durante a noite, as imagens de Pedrógão Grande não me saem da cabeça. O nascer do dia não vai trazer nada de bom, calculo. Como pode tudo isto estar a acontecer? Outra vez? As (más) notícias começam a chegar ao amanhecer, sob um céu coberto de um manto de fumo. Pedro, o marido da Isabel, não a foi buscar porque morrera pelo caminho. Cristiana morrera nas chamas na estrada à entrada da cidade, quando tentava fugir com o marido e a filha. A fábrica de um amigo de infância ardera por completo, tal como muitas outras. Dezenas de casas foram consumidas pelas chamas, como a de Aristides, que conheço desde miúda, ou a de Kin, o músico alemão que me dizia há anos, numa reportagem para a VISÃO, que trocara a Alemanha para viver num “happy valley”, o vale encantado como ele chamava a Benfeita, no concelho de Arganil, onde mais de 20 famílias também ficaram sem nada. Aquele 15 de outubro tinha tudo para ser um dia feliz. Mas não o foi – para nós e para tantas famílias. A minha sobrinha, na inocência dos seus cinco anos, perguntava, entre choros: “Porque é que decidiram fazer o meu batizado no dia do incêndio?” Tu não sabes, Laura, nem podes ainda saber, mas o incêndio não escolhe dias nem horas. Prometo-te que ainda iremos brindar à tua saúde e à do avô – faremos a festa que não fizemos.

(Artigo publicado na Visão, de 17 de outubro de 2017)

1. Dê um título ao texto. Justifique. (cerca de 80 palavras)
2. Explique o significado da seguinte afirmação: “Aquele 15 de outubro tinha tudo para ser um dia feliz.” (cerca de 80 palavras)
3. «Gastamos muito em combate e muito pouco em prevenção, num ciclo vicioso, em que quanto menos gastamos em prevenção, mais necessário se torna gastar em combate. É necessária uma reflexão alargada sobre soluções para o problema dos incêndios». Redija um texto devidamente organizado onde exponha a sua opinião acerca das ideias do extrato reproduzido. (cerca de 100 palavras).

## **Grupo II**

**Analise as frases abaixo e reescreva-as, corrigindo o erro presente em cada uma delas.**

1. Não haveriam razões para ele cancelar o contrato.
2. A empresa lançará um novo modelo de microondas.
3. A infra-estrutura do prédio não era adequada às necessidades da empresa.
4. Fábio e Maurício, são supervisores do departamento de vendas.
5. Ontem passei horas e horas atrás de alguém que pudesse formatar o meu computador.
6. Haviam vários relatórios para eu analisar durante o feriado.
7. Chegou em a Portugal a três dias.
8. Obrigado, disse a rapariga.
9. Vendeu uma grama de ouro.
10. Não tenho quaisquer dúvidas de que tenho razão.
11. Esta nova medida vai de encontro ao que pretendíamos, por isso saímos satisfeitos da reunião.
12. Houve uma grande aderência do público ao nosso novo produto.
13. Preciso de destrocar esta nota.
14. Tenho de ir às compras para encher a dispensa.
15. Adoro desfolhar um livro acabado de comprar.

## **Grupo III**

**Num texto bem estruturado, com cerca de duzentas palavras, apresente uma reflexão sobre as ideias expostas no texto transcrito a seguir.**

“Os jovens continuam a ter uma taxa de desemprego muito superior à média e os salários continuam sem crescer. E esses dois factos, quer se queira quer não, acabam por andar ligados e podem vir a ter as piores consequências no futuro (...). Embora pertençam à geração mais bem preparada de sempre, com melhor formação académica e, em muitos casos, com uma experiência e uma vivência do mundo invejável graças a programas como o Erasmus, os jovens portugueses dificilmente conseguem encontrar uma oferta de emprego, à saída das universidades, que lhes permita iniciar uma vida digna de forma independente. A diferença, nos últimos anos, é que isso deixou de ser um motivo de revolta e passou a ser encarado como uma resignação. A segunda grande diferença é que eles se habituaram, desde sempre, a olhar para o mundo de uma forma global, sem fronteiras nem limites à comunicação internacional. Por isso, a possibilidade de ir trabalhar para o estrangeiro, de responder a entrevistas de emprego por Skype, de apresentar candidaturas para estágios por esse mundo fora (remunerados,

tantas vezes, pelo dobro do que é oferecido como salário de entrada em Portugal), passou a fazer parte do quotidiano desta nova geração. Aquilo que era um drama, é agora, até muitas vezes, uma festa, um abrir de horizontes, uma oportunidade de enfrentar desafios. A grande questão é que se esta saída de jovens é boa para cada um deles individualmente, ela acaba por ser prejudicial para o País: não ajuda à criação de riqueza, diminui a produtividade da economia, deixa escapar talento e espírito de mudança.”

(Artigo publicado na Visão, de 11 de janeiro de 2018)

**Cotação das Questões (200 pontos/20 valores):**

**Grupo I (70 pontos)**

**Questão 1 – 15 pontos**

**Questão 2 – 30 pontos**

**Questão 3 – 25 pontos**

**Grupo II (45 pontos)**

**Cada frase – 3 pontos**

**Grupo III (85 pontos)**

**Critérios de Avaliação da Prova:**

- Estruturação temática e discursiva
- Correção linguística
- Coerência e coesão linguísticas